

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

CARMEM REGINA GIONGO

“FUTURO ROUBADO”:
BANALIZAÇÃO DA INJUSTIÇA E DO SOFRIMENTO SOCIAL E AMBIENTAL
NA CONSTRUÇÃO DE HIDRELÉTRICAS

PORTO ALEGRE
2017

CARMEM REGINA GIONGO

“FUTURO ROUBADO”:
BANALIZAÇÃO DA INJUSTIÇA E DO SOFRIMENTO SOCIAL E AMBIENTAL
NA CONSTRUÇÃO DE HIDRELÉTRICAS

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Doutora em Psicologia Social e Institucional.

Área de Concentração: Trabalho, saúde e subjetividade.

Orientadora: Profa. Dra. Jussara Maria Rosa Mendes.

PORTO ALEGRE
2017

Giongo, Carmem Regina

"FUTURO ROUBADO": BANALIZAÇÃO DA INJUSTIÇA E DO
SOFRIMENTO SOCIAL E AMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DE
HIDRELÉTRICAS / Carmem Regina Giongo. -- 2017.
351 f.

Orientadora: Jussara Maria Rosa Mendes.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional,
Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Atingidos. 2. Hidrelétricas. 3. Injustiça. 4.
Sofrimento ambiental. 5. Sofrimento social. I.
Mendes, Jussara Maria Rosa, orient. II. Título.

“FUTURO ROUBADO”:
BANALIZAÇÃO DA INJUSTIÇA E DO SOFRIMENTO SOCIAL E AMBIENTAL
NA CONSTRUÇÃO DE HIDRELÉTRICAS

Dissertação aprovada para obtenção do título de Doutora em Psicologia Social e Institucional no Programa de Doutorado em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela banca examinadora formada por:

Aprovada *com louvor* em Porto Alegre, 10 de março de 2017.

Prof. Dra. Jussara Maria Rosa Mendes UFRGS/PPGPSI – Orientadora

Prof. Dra. Flávia Braga Vieira UFRRJ/PPGCS

Prof. Dra. Janine Kieling Monteiro Unisinos/PPGPSI

Prof. Dra. Jaqueline Tittoni UFRGS/PPGPSI

Prof. Dra. Vanderleia Dal Castel Schlindwein UNIR/MAPSI

AGRADECIMENTO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Este trabalho fala de um encontro que mostrou a força da história de um povo. Mostrou a força e o poder das palavras quando encontram escuta. Mostrou a resistência daqueles que tiveram suas vidas e seus territórios transformados profundamente pela construção de uma hidrelétrica. Neste encontro, vocês não compartilharam apenas suas histórias, suas memórias e seus sentimentos, compartilharam também seu alimento, sua família, suas casas, seus vizinhos, suas comunidades. Compartilharam um lugar à mesa, uma cama quente, uma oração antes da viagem, uma mensagem depois da chegada, um chimarrão, uma fatia de polenta com salame, muitas bolachas, um copo de caldo de cana, diversos abraços. Vocês compartilharam o coração e a vida!

Então, neste momento tão especial, eu quero apenas agradecer e dizer que o nosso encontro me transformou! Eu aprendi sobre as plantas, sobre amansar gatos, aprendi palavras em alemão, em italiano, aprendi sobre o cultivo dos alimentos, sobre os animais, sobre tirar leite, sobre o cuidado com o outro, mas, a cima de tudo, eu aprendi sobre ser humano, sobre ser gente! E esse aprendizado não está nos livros. Vocês também mostraram que não precisam ser salvos por nenhum pesquisador ou por uma figura política, vocês precisam apenas que seus direitos humanos mais básicos sejam cumpridos.

Aliás, foram vocês que me ensinaram a fazer pesquisa, me mostraram o caminho, por onde ir e por onde não ir, me mostraram a hora certa de perguntar, quando recuar, me apresentaram um outro tempo. O tempo que não está nos relógios, o tempo de chegar sem ter hora para voltar, o tempo da vida, do cultivo, o tempo de a lenha queimar, o tempo da espera, do feijão cozinhar, de parar e cantar, o tempo do sol, da chuva e da neblina, o tempo da reza, o tempo necessário da espera e do amadurecimento.

Eu apenas deixei que vocês me guiassem por esses caminhos desconhecidos, pelas porteiras fechadas, pelas águas profundas do lago, pelo mato escuro, pelas lembranças de um passado que ainda se faz presente. Eu apenas doe um pouco do meu tempo e estive aqui, sem pressa. Bastou estar aqui. E, nesse encontro de tempos, produzimos um novo olhar sobre o mundo e sobre a experiência de ser gente neste mundo. E, agora, transformados uns pelos outros, não seguiremos apenas os nossos caminhos, seguiremos juntos - eu, doutora dos livros, e vocês, doutores da vida! Obrigada de todo coração!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiro ao meu pai que me contava do orgulho de ter ocupado cargos políticos em um tempo em que não se recebia nada por isso. Ser vereador ou prefeito em nossa cidade era sinônimo de ativismo social, político e comunitário. Meu pai também me ensinou a lutar pelos meus desejos, a gostar de viajar e a valorizar a terra, a casa e a família. Minha mãe, sempre ocupou um lugar de cuidadora na comunidade onde cresci. Aprendi muito com ela sobre ser forte. Toda vez que senti medo fazendo minha pesquisa, lembrava que minha mãe dirigia caminhões e tratores à noite. Ela esteve comigo durante a primeira entrevista que fiz, logo no início, quando ainda escrevia o projeto de tese.

Marcelo, meu marido, aprendeu a conviver com minha distância, a respeitá-la e a admirá-la. As viagens foram muitas, mas, por meio do amor, pudemos realizar juntos o sonho de eu ser doutora, de morar fora, de fazer uma pesquisa na qual eu acreditasse e depositasse tudo de mim. Minha irmã Juliana, que, nesse tempo, teve a Cecília, minha sobrinha linda, acreditou tanto em mim, mas tanto, que nem mesma eu consigo entender. Ela participou de todos os momentos, mas, principalmente, foi minha guia e confidente na produção do documentário. Obrigada, Cecília, por me mostrar a beleza do mundo. O Alan, meu cunhado, também acompanhou tudo de perto e vibrou comigo. O Didio, meu irmão do meio, era aquele que voltava para casa da faculdade trazendo coisas da cidade. Eu sempre esperava ele voltar e sonhava com o dia em que também conheceria o mundo, não demorou muito para isso acontecer. Minha cunhada Luciane e meus sobrinhos Lorenzo e Francesco também estiveram comigo, atentos e felizes com minhas conquistas. Meu irmão mais velho, o Mano, tem um coração tão grande, que chora diante das coisas simples da vida. Ele é advogado e me ajudou muito com o entendimento das leis! A Marli, minha cunhada, acompanhou meus dias de exibição do documentário e festejou comigo. A Gabi e o Luiz Pedro, meus sobrinhos, sempre estiveram comigo e me enchem de orgulho. A Gabi estava lá no dia da primeira exibição do documentário e tirou fotos. Seus olhos brilharam assim como os meus. Agradeço também à Claci, minha sogra, e ao Douglas, meu sogro, pelo acolhimento, pelo carinho e pela ajuda em todos os momentos da minha tese. Quero agradecer também à madrinha Neli, minha inspiração – a primeira doutora da família. Todos eles, que compõem minha família querida, estiveram comigo nas exposições do documentário e sabem o que tudo isso significa para mim e para os participantes da pesquisa realizada para este trabalho.

Minha orientadora, Jussara, faz minhas palavras faltarem. Ela se parece muito com meu pai. Ela me ensinou a fazer as coisas com amor e sempre disse que o mais importante na vida era estar com as pessoas que amamos. A Jussara me deu o mundo, disse que era possível, me mostrou o caminho, segurou minha mão e me apoiou, imensamente, em tudo. Não posso agradecer de outra maneira se não vivendo e agindo de acordo com aquilo que ela me ensinou. Com a Jussara, veio o NEST, minha segunda família, meu amparo, minhas colegas maravilhosas, que estiveram comigo durante todo o doutorado. Agradeço à *gatona* professora Dolores pelo carinho, pela atenção e pelas contribuições valiosas. Agradeço à Rosangela que sabiamente me guiou pelos caminhos iniciais e difíceis da minha tese. Agradeço à Juliana, com quem construí uma relação honesta e capaz de fortalecer cada momento de insegurança, de medo e de desamparo. Obrigada por todas as vezes que pude chorar contigo e receber teu abraço sincero! Agradeço às minhas colegas Daniela e Thaís, com as quais construí meu projeto de pesquisa e minha tese. Nesse caminho, também tive a sorte de trabalhar com minhas bolsistas Fran, Gabi e Vê, que sabem tanto da minha tese quanto eu, que compartilharam nossos resultados com muitos grupos sociais e em diferentes espaços, que vibraram com nossas conquistas e se dedicaram muito a este trabalho. Agradeço também à Ana e à Fernanda pelo apoio na reta final do meu trabalho.

Nesta trajetória, também quero agradecer ao LADYSS (Laboratoire Dynamiques Sociales et Recomposition des Espaces), laboratório no qual realizei o doutorado sanduíche, na França, e à CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que possibilitou a conquista deste sonho. Conheci pessoas incríveis, afetivas, e que me ensinaram muito! Aos brasileiros e às brasileiras Valdir, Maira, Maiara, Cimone, Loara, Manu, Renata, Claudia e Elis. Em especial, à Mari e ao Dirceu, que discutiram comigo cada pedacinho da minha coleta de dados e torceram para que tudo desse certo – eles coloriram Paris. Aos colegas do laboratório francês, também dirijo meu carinho: Béa, Rhoda, Kader, Thierry, Bassem, Kenza e Nauol. Meu agradecimento mais do que especial direciono ao meu orientador de estágio doutoral Jean-Paul Billaud, que muito me desafiou e fez meu mundo crescer! Nesse caminho, também agradeço pelo feliz encontro com Fabienne Wateau, antropóloga da Universidade de Paris X, que conheceu meu projeto, me apoiou e ofereceu a oportunidade de trabalhar em uma pesquisa belíssima em Portugal. Agradeço à Mari, de Portugal, que me ensinou muito sobre ser sensível, e à Manu, pela parceria maravilhosa - seremos sempre as meninas de Salreu.

Agradeço às minhas amigas e aos amigos, Michele, Chico, Mari, Fredi, Simone, Luis, Ju, Carla Ju, Pinheiro e às minhas pequenas Bella, Carol e Rafa. Vocês sempre estiveram comigo nos momentos mais importantes. Devo ter ficado muito chata e ausente durante algum tempo (três anos), obrigada por entenderem e também por me cobrarem presença. Obrigada às minhas amigas sempre presentes: Claudinha, Danica, Juju e Gelly! Obrigada Vivi e Rodrigo por terem me visitado em Paris. Agradeço às minhas amigas da faculdade, Sófi e Janinha, que sempre torceram por mim e que acham o máximo o fato de eu ter conseguido comprar um carro. Obrigada aos meus alunos e às alunas que estiveram comigo, aprendendo e ensinando, em especial, àquelas que acompanharam de perto meu período de construção de tese: Lovane, Joana, Vilma, Lidia, Fernanda, Nicolle, Scarleth, Pamela, Barbara e Camila. Meus olhos seguem brilhando porque encontram o brilho nos olhos de vocês! Ser professora certamente me devolveu o sonho antigo de mudar o mundo e é muito bom encontrar pessoas que, apesar de tudo, seguem acreditando nisso também.

Minhas colegas de trabalho também foram fundamentais, me aconselharam, me substituíram e me ofereceram muitos cafés quando eu estava sem forças. Carol, te adoro! Ju, você tem o melhor coração do universo! Claudia, você é linda! Charlotte, obrigada por tudo! Tina, você é o máximo! Marcus, obrigada por me apoiar sempre! Carmen, te admiro muito, obrigada pelo carinho de sempre! Malu, você é um doce de pessoa, obrigada pelos conselhos! Lisi, você sempre disse que eu seria doutora, obrigada! Ana, Geraldine, Eliana e Marianne, obrigada por me acolherem desde minha chegada a Novo Hamburgo. Cynthia, obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma sabia que poderia ser professora. Obrigada a todos os demais colegas queridos que me acompanharam de perto ou de longe, mas que sempre torceram por mim: Rona, Denise, Rodrigo, Michele, Nara e Cleber. Agradeço também ao meu analista Fernando, a pessoa mais incrível deste mundo, que abriu espaços para as cores entrarem e sempre acreditou na arte que existe em mim. Me ensinou muito sobre Psicologia, sobre humanidade e sobre “as tantas vidas que podemos viver em uma só”.

Obrigada à minha banca sensível de qualificação, em especial, à Vanderleia e à Jaqueline. Obrigada Janine, minha orientadora querida do mestrado, que sempre acreditou em mim e no meu modo de pesquisar. Além disso, agradeço à Flavia, presente em minha banca de defesa, que me ensinou muito sobre o tema investigado, transmitindo, em cada texto, a necessidade de mobilização e transformação social. Agradeço a todos os professores, pesquisadores e alunos que escreveram e escrevem sobre a temática da minha tese, em especial, ao inspirador professor Carlos Bernardo Vainer. Ilka e Miro, pessoas maravilhosas, éticas e afetivas, que coproduziram o documentário *Atingidos Somos Nós* - aprendi tanto com vocês! Ilka, sempre sensível e atenta. Miro me ensinou as maiores lições éticas, me mostrou um novo mundo através do audiovisual e me fez desejar ser documentarista. Obrigada também ao CNPq

(Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que contribuiu com os custos da pesquisa e à UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), esta universidade querida que tanto me acolheu.

Finalmente, agradeço a todas as pessoas que fizeram as doações necessárias para a produção do documentário: Alan Roger, Ana Lúcia da Silva Basso, Angélica Frey, Camila Martins Soares, Camila Rückert, Carine Berlitz, Carmen Esther Rieth, Cláudia Duarte, Claudia Fernanda Franceschi Klement, Claudia Lunkes Schmitt, Cris Cinara, Cristine Segalotto, Cynthia Berlim, Daniel Tonacci, Francièli Katiuça Teixeira da Cruz, Francieli Pires de Melo, Gabriela da Silva Marques, Genuino Simioni, Gilberto Antônio Romani, Juliana Alves Loureiro, Juliana Giongo, Juliana Naumann, Jussara Maria Rosa Mendes, Katiane Centenaro, Laerte Dorneles, Laryssa Dias Sena, Lauri Luiz Kunzler, Lenir Christmann, Leoni Giongo, Luciane Vial Giongo, Luiz Carlos Giongo, Marcelo Clemente, Maria Angelica de Moura Bueno, Maria Claci Binsfeld Shaw, Marli Capelesso Giongo, Michele Pereira Serpa, Nelma Campos Aragon, Paulo Cesar Giongo, Rodrigo Gauto Buriol, Silvana de Medeiros, Simone Soares Fuchs, Verônica Dias Mendes.

É por todos os aspectos apresentados que esta tese não é minha, ela é coletiva e foi construída a partir do amor e do apoio de todas as pessoas que me acompanham: família, orientadora, alunos, colegas de trabalho, professores, colegas de pesquisa, amigos, participantes da pesquisa, pessoas que ainda nem pude conhecer. Esta tese é, acima de tudo, fruto de inúmeras surpresas, descobertas, encontros e reencontros - é fruto da vida!

“Aqui a gente é analfabeto, o mundo que ensina a gente um pouco.”
(PAULO, 2016, informação verbal)¹

¹ Informação verbal fornecida por Paulo (nome fictício) à pesquisadora em Alto Bela Vista em 22 de abril de 2016.

RESUMO

Implantadas sob a prerrogativa do desenvolvimento e da produção de energia limpa, as hidrelétricas têm se apropriado de vastos territórios rurais e indígenas, em que as comunidades atingidas são tidas como empecilhos do progresso. Diante disso e tomando-se como foco a hidrelétrica de Itá, localizada no sul do Brasil, o objetivo central desta investigação foi analisar a construção social da banalização da injustiça e do sofrimento vivenciado pelas populações atingidas pela construção de hidrelétricas e as interfaces deste processo com os modos de vida e de trabalho desses sujeitos. O estudo, de cunho qualitativo, fundamentou-se na pesquisa participante. A coleta de dados iniciou em fevereiro de 2016 e foi concluída em dezembro do mesmo ano. Foram entrevistadas 43 pessoas atingidas pela construção da barragem de Itá e realizadas análises documentais da legislação vigente, dos estudos ambientais e dos materiais publicitários da hidrelétrica investigada. Os dados obtidos foram submetidos à análise temática. No decorrer da pesquisa, foi desenvolvido o documentário *Atingidos Somos Nós*, que se apresentou como importante estratégia de intervenção e sensibilização política e social frente à temática investigada. Os resultados da pesquisa apontaram que, no caso da hidrelétrica de Itá, após 17 anos do enchimento do reservatório, a população investigada encontra-se abandonada e não tem minimamente seus direitos básicos garantidos. Aspectos como a morte do rio, a extinção do trabalho rural, os prejuízos no acesso à água potável, à energia, aos meios de transporte, à infraestrutura, à saúde, à educação, ao lazer e ao trabalho, a falta de apoio, de reconhecimento e de visibilidade política e social geram um intenso processo de sofrimento, que se apresenta através do desânimo coletivo, da tristeza, da solidão, do medo, da insegurança e da perda da identidade. Essas vivências mostraram-se diretamente atreladas à depressão, ao suicídio e ao estabelecimento de mortes súbitas. Concluiu-se que, sob a égide do capital, o processo de banalização da injustiça na construção de hidrelétricas está atrelado ao modelo de desenvolvimento vigente, no qual imperam a omissão da legislação, a fragilidade dos estudos ambientais e a construção de uma história oficial que exclui a perspectiva dos atingidos. Esse processo gera o sofrimento social e ambiental, levando à destituição dos modos de vida tradicionais e à própria morte dos atingidos. Diante disso, o Estado apresenta-se, historicamente, como cúmplice e legitimador da degradação e do descarte dessas populações, a partir da permissividade legal e da intensificação de programas e de políticas desenvolvimentistas que priorizam o fator econômico em detrimento da proteção social e ambiental tornados estratégias encobridoras da injustiça e da banalização desse processo.

Palavras-chave: Atingidos. Barragens. Injustiça. Hidrelétricas. Rural. Sofrimento ambiental. Sofrimento social.

ABSTRACT

While being built under the prerogative of development and clean energy production, the hydroelectric plants have been appropriating vast rural and indigenous areas, in which the affected communities are considered as obstacles to progress. Taking this into account and focusing on the hydroelectric plant of Ita, located in southern Brazil, the main objective of this research was to analyze the social construction of the banalization of injustice and suffering experienced by the people who are affected by the construction of hydroelectric plants and the relation between this process and the way of living and working of these individuals. The study, which had a qualitative approach, was based on participant research. Data collection began in February 2016 and was completed in December 2016. Forty-three people affected by the construction of the hydroelectric plant of Ita were interviewed and documents about current laws, environmental studies and advertising materials of the investigated hydroelectric plant were analysed. Data were submitted to thematic analysis. While the research was being performed, a documentary called “Atingidos Somos Nós” was developed, which turned out to be an important strategy of political and social intervention and awareness considering the researched topic. The results indicate that, in the case of the hydroelectric plant of Itá, even after 17 years of reservoir filling, the researched population is still abandoned and has no minimum guaranteed of their basic rights. Aspects such as the death of the river, the extinction of rural labor, the impairment on the access to potable water, energy, means of transportation, infrastructure, health, education, leisure and work, the lack of support, recognition and political and social visibility lead to an intense suffering process, which can be seen through the collective discouragement, sadness, loneliness, fear, insecurity and identity loss. These experiences were directly linked to depression, suicide and sudden deaths. It is noticed, under the aegis of capital, that the process of trivializing injustice in order to build hydroelectric plants is related to the current model of development, in which the omission of legislation, the fragility of studies about the environment, and the creation of an official story that excludes the perspective of those affected dominates. This process causes social and environmental suffering, leading to the destruction of traditional ways of life and death of those who are affected. On the situation, the State historically presents itself as an accomplice and legitimator of the degradation and rejection of these populations, through legal permissiveness and intensification of development programs and policies that prioritize the economic factor to the detriment of social and environmental protection which have become strategies to hide the injustice and the trivialization of this process.

Keywords: Affected people. Dams. Injustice. Hydroelectric plants. Rural. Environmental Suffering. Social Suffering.

RESUMEN

Implantadas bajo la prerrogativa del desarrollo y de la producción de energía limpia, las hidroeléctricas se han apropiado de amplios territorios rurales e indígenas, en los cuales las comunidades afectadas son vistas como un obstáculo al progreso. Con esto y teniendo como eje central la hidroeléctrica de Itá, ubicada en el sur de Brasil, el propósito de esta investigación ha sido analizar la construcción social de la banalización de la injusticia y del sufrimiento vivenciado por las poblaciones afectadas por la construcción de hidroeléctricas y las relaciones de este proceso con las formas de vida y de trabajo de dichas personas. El estudio, de tipo cualitativo, se ha fundamentado en la investigación participativa. La recolección de datos empezó en febrero de 2016 y finalizó en diciembre del mismo año. Se han entrevistado a 43 personas afectadas por la construcción de la represa de Itá y se han realizado los análisis documentales de la legislación vigente, de los estudios ambientales y de los materiales publicitarios de la hidroeléctrica investigada. Los datos obtenidos fueron sometidos a un análisis temático. En el desarrollo de la investigación, ha sido producido el documental “Atingidos Somos Nós”, que se ha presentado como una importante estrategia de intervención y sensibilización política y social frente a la temática investigada. Los resultados de la investigación han demostrado que, en el caso de la hidroeléctrica de Itá, tras 12 años de existencia, la población investigada se encuentra abandonada y no tiene sus derechos básicos garantizados. Aspectos como la muerte del río, la extinción del trabajo rural, los perjuicios en el acceso al agua potable, a la energía, a los medios de transporte, a la infraestructura, a la salud, a la educación, al ocio y al trabajo, la falta de apoyo, de reconocimiento y de visibilidad política y social han producido un intenso proceso de sufrimiento, que se presenta a través del desánimo colectivo, de la tristeza, de la soledad, del miedo, de la inseguridad y de la pérdida de identidad. Esas vivencias se han mostrado directamente relacionadas a la depresión, al suicidio y al surgimiento de muertes súbitas. Se concluye que, bajo la protección del capital, el proceso de banalización de la injusticia en la construcción de hidroeléctricas está subordinado al modelo de desarrollo vigente, en el cual imperan la omisión de la legislación, la fragilidad de los estudios ambientales y la construcción de una historia oficial que excluye la perspectiva de los afectados. Ese proceso genera el sufrimiento social y ambiental, ocasionando la destitución de las formas de vida tradicionales e, incluso, la propia muerte de los afectados. En definitiva, el Estado se presenta, históricamente, como cómplice y legitimador de la degradación y de la desconsideración de estas poblaciones, a partir de la permisividad legal y de la intensificación de programas y de políticas desarrollistas que priorizan el factor económico en detrimento de la protección social y ambiental transformado en estrategia encubridora de la injusticia y de la banalización de ese proceso.

Palabras clave: Afectados. Reservas. Injusticia. Hidroeléctricas. Rural. Sufrimiento ambiental. Sufrimiento social.

RÉSUMÉ

Implantées sous la prérogative du développement et de la production de l'énergie propre, les hydroélectriques se sont appropriées de vastes territoires ruraux et indigènes, où les communautés touchées sont vues comme des obstacles au progrès. En raison de cela et en prenant comme point précis l'hydroélectrique d'Itá, située au sud du Brésil, le but central de cette enquête a été d'analyser la construction sociale de la banalisation de l'injustice et de la souffrance vécue par les populations touchées pour la construction des hydroélectriques et les interfaces de ce processus avec les façons de vie et de travail de ces sujets. L'étude, de caractère qualitatif, a été basée dans l'enquête participante. L'obtention de données a commencé en février 2016 et a été conclue en décembre de la même année. Ont été interviewées 43 personnes touchées pour la construction du barrage d'Itá et ont été réalisées des analyses de documents de la législation en vigueur, des études environnementales et des matériaux publicitaires de l'hydroélectrique investiguée. Les données obtenues ont été soumises à l'analyse thématique. Au cours de l'enquête, a été développé le documentaire "Atingidos Somos Nós", qui s'est présenté comme une importante stratégie de l'intervention et de la sensibilisation politique et sociale face à la thématique investiguée. Les résultats de l'enquête ont montré que, dans le cas de l'hydroélectrique d'Itá, après 17 ans du remplissage du réservoir, la population enquêtée se trouve abandonnée et n'a minimalement pas ses droits basiques assurés. Des aspects comme la morte de la rivière, l'extinction du travail rural, les préjudices dans l'accès à l'eau potable, à l'énergie, aux moyens de transport, à l'infrastructure, à la santé, à l'éducation, au loisir et au travail, la manque d'appui, de reconnaissance et de visibilité politique et sociale occasionnent un intense processus de souffrance qui se présente à travers l'accablement collectif, la tristesse, la solitude, la peur, l'insécurité et la perte d'identité. Ces situations vécues se sont directement montrées attachées à la dépression, au suicide et à l'établissement de mortes subites. On a conclu que, sous l'égide du capital, le processus de banalisation de l'injustice dans la construction des hydroélectriques est lié au modèle du développement en vigueur, où règnent l'omission de la législation, la fragilité des études environnementales et la construction d'une histoire officielle qui exclut la perspective des touchés. Ce processus occasionne la souffrance sociale et environnementale, en conduisant à la destitution des modes de vie traditionnels et à la propre morte des touchés. Devant cela, l'État se présente, historiquement, comme complice et légitimant de la dégradation et de l'écartement de ces populations, à partir de la permissivité légale et de l'intensification des programmes et politiques du développement qui ont comme priorité le facteur économique au détriment de la protection sociale et environnementale devenues des stratégies dissimulées de l'injustice et de la banalisation de ce processus.

Mots-clés: Touchés. Barrages. Injustice. Hydroélectriques. Rural. Souffrance environnementale. Souffrance sociale.